



Manifesto Feminista

3

“Al compás compañeras, al compás,
esta es nuestra pena y nuestra lucha,
al compás compañeras, al compás, este
es nuestro fuego”.

Pascuala Ilabaca

PORTUGUÊS / INGLÊS

Editora Luas/Brasil - América Latina Toda Feminista nº03 - Julho de 2021

A MULHER QUE SE IDENTIFICA COM MULHERES¹

Radicalesbians² (1970)

Tradução de Natália Corbello³

O que é uma lésbica? É a ira de todas as mulheres condensada ao ponto de explosão. É a mulher que, desde muito jovem, age de acordo com seu impulso interno de ser uma pessoa mais completa e mais livre do que sua sociedade – talvez ainda na infância, mas certamente depois, na vida adulta – a permitiria ser. Essas necessidades e ações, com o passar dos anos, acabarão por levá-la a conflitos dolorosos com pessoas, situações e formas validadas de pensar, sentir e se comportar, até que ela entre em um estado de guerra permanente com tudo que a rodeia, e geralmente também com seu próprio ser. Ela pode não ter total consciência das implicações políticas daquilo que, para si, começou como

1 Notas de Patrícia Lessa – pesquisadora e educadora da Universidade Estadual de Maringá na área de Epistemologia Feminista.

2 Nota de esclarecimento: O grupo Radicalesbians, criado em 1969, foi um dos pioneiros no feminismo lésbico ou feminismo radical. O grupo criou o Manifesto The Woman-Identified Woman para realizar um protesto durante o II Congresso para Unir as Mulheres, realizado dia 1º de maio de 1970 em Nova York. Dentre as militantes, destacamos Artemis March, Lois Hard, Rita Mae Brown, Ellen Shumsky, Cynthia Funk e Barbara XX. O grupo fez uma leitura performática do manifesto durante o congresso, elas apagaram as luzes, ocuparam o palco e o microfone para denunciarem a exclusão de representantes lésbicas no evento. Como resultado, o congresso realizado em 1971 adotou uma resolução reconhecendo os direitos das lésbicas como “preocupação legítima para o feminismo”. Para estudo, indicamos o artigo: RUPP, Leila; TAYLOR, Verta. Women’s culture and lesbian feminist activism: a reconsideration of cultural feminism. In: Journal of Women in Cultural and Society. Chicago: The University of Chicago, v.19, n.1, p.32-61, 1993.

3 Natália Corbello é formada em Letras – Inglês pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). É revisora, tradutora e pesquisadora nas áreas de tradução e literatura.

necessidade pessoal, mas, em algum nível, não foi capaz de aceitar as limitações e opressões a ela impostas pelo papel mais básico de sua sociedade – o papel feminino. A turbulência que experiencia tende a induzir um sentimento de culpa proporcional à intensidade com a qual ela sente que não está atendendo às expectativas sociais, e/ou eventualmente a leva a analisar e questionar o que o resto de sua sociedade considera mais ou menos aceitável. Ela é forçada a desenvolver seu próprio modo de viver, com frequência passa uma boa parte de sua existência sozinha e geralmente aprende muito mais cedo do que suas irmãs heterossexuais sobre a essência solitária da vida (obscurecida pelo mito do casamento) e sobre a realidade das ilusões. Enquanto ela não puder expurgar a pesada socialização que acompanha o papel feminino, não poderá nunca estar em paz consigo mesma. Pois estará presa entre, por um lado, aceitar a visão que a sociedade tem dela – caso em que não será capaz de aceitar a si mesma – e, por outro lado, entender o que essa sociedade sexista fez com ela, e por que foi útil e necessário que o fizesse. Aquelas de nós que passam por esse conflito se encontram do outro lado de uma tortuosa jornada por uma noite que pode ter durado décadas. A perspectiva adquirida durante essa jornada, a libertação do ser, a paz interior, o amor real por si mesma e por outras mulheres, é algo que precisa ser compartilhado com todas – porque somos todas mulheres.

Primeiro, deve-se compreender que o lesbianismo, assim como a homossexualidade masculina, é uma categoria de comportamento possível apenas em uma sociedade sexista caracterizada por papéis sexuais rígidos e dominada pela supremacia masculina. Esses papéis sexuais desumanizam

as mulheres ao nos definirem como uma casta servil/de apoio em relação à casta senhoril dos homens, e aleijam emocionalmente os homens ao demandarem deles que se alienem de seus próprios corpos e emoções para cumprirem suas funções econômicas/políticas/sociais de forma efetiva. A homossexualidade é um subproduto de um jeito particular de organizar os papéis sociais (ou os padrões de comportamento aceitáveis) a partir do sexo; como tal, é uma categoria inautêntica (não consoante com a “realidade”). Em uma sociedade na qual os homens não oprimem as mulheres e permite-se que a expressão sexual seja pautada por afeições, as categorias da homossexualidade e da heterossexualidade desapareceriam.

Mas o lesbianismo também difere da homossexualidade masculina e serve uma função diferente na sociedade. “Sapatão” é uma ofensa diferente de “bicha”, mesmo que ambas apontem para alguém que não está cumprindo seu papel sexual socialmente atribuído – e, portanto, não é uma “mulher de verdade” ou um “homem de verdade.” A admiração relutante pela mulher-macho e a repulsa pelo homem efeminado apontam para o mesmo lugar: o desprezo reservado às mulheres ou às pessoas que desempenham um papel feminino. E há muito interesse em mantê-las nesse lugar de desprezo. Lésbica é a palavra, o rótulo, a condição que mantém as mulheres na linha. Quando uma mulher é denominada por essa palavra, sabe que está ultrapassando algum limite; sabe que cruzou a terrível fronteira de seu papel sexual. Ela recua, protesta, modifica suas ações para conseguir aprovação. Lésbica é um rótulo inventado pelo Homem para ser usado contra as mulheres que ousam ser

suas iguais, que ousam desafiar as prerrogativas masculinas (inclusive a que define toda mulher como uma possível moeda de troca entre homens), que ousam reivindicar a primazia de suas próprias necessidades. A aplicação do rótulo às pessoas ativamente envolvidas na libertação das mulheres é apenas seu uso mais recente em uma longa história; as mais velhas entre nós recordarão que, não muito tempo atrás, qualquer mulher bem-sucedida, independente e que não orientasse toda a sua vida em função de um homem seria assim denominada. Isso porque, nessa sociedade sexista, ser uma mulher independente significa não ser uma mulher – e sim uma sapatão. Essa constatação, por si só, deveria servir para nos dizer em que lugar estão as mulheres. E o diz tão claramente quanto possível: mulher e pessoa são termos contraditórios. Uma lésbica não é considerada uma “mulher de verdade;” e, ainda assim, no pensamento popular, existe apenas uma diferença essencial entre uma lésbica e outras mulheres: a orientação sexual – ou seja, se retirarmos tudo que é supérfluo, perceberemos, por fim, que a essência de ser uma “mulher” é ser fodida pelos homens.

“Lésbica” é uma das categorias sexuais a partir das quais os homens têm dividido a humanidade. Mesmo que todas as mulheres sejam desumanizadas como objetos sexuais, quando pertencem a um homem, recebem certas compensações: identificação com seu poder, seu ego e seu status; sua proteção (de outros homens); a oportunidade de se sentirem como “mulheres de verdade,” de encontrarem aceitação social ao agirem em conformidade com seu papel; etc. Se uma mulher confronta a si mesma no confronto com outra mulher, há poucas racionalizações, poucos

atenuantes que contribuem para mascarar o horror da sua condição desumanizada. E aqui identificamos um medo que predomina em muitas mulheres, o medo de serem utilizadas como objeto sexual por outra mulher – o que não concederia a elas nenhuma das compensações associadas ao envolvimento com homens, além de revelar o vazio que é a situação real da mulher. Uma mulher heterossexual expressa essa desumanização ao descobrir que uma irmã é lésbica; começa a se relacionar com sua irmã como seu possível objeto sexual, concedendo à mulher lésbica um papel masculino por associação. Isso revela o seu condicionamento heterossexual de fazer de si mesma um objeto sempre que sexo estiver potencialmente envolvido em um relacionamento, e nega à mulher lésbica sua humanidade plena. Para as mulheres, em especial as que são parte do movimento, perceber as irmãs lésbicas através desses papéis definidos por parâmetros masculinos é aceitar o condicionamento cultural masculino, é oprimir as irmãs à maneira como elas mesmas são oprimidas pelos homens. Continuaremos aceitando esse sistema de classificação masculino que define todas as mulheres através da sua associação sexual com uma outra categoria de pessoa? Afixar o rótulo de lésbica não apenas a uma mulher que aspira a ser uma pessoa, mas também a qualquer situação real de amor, de solidariedade, de primazia entre mulheres, é uma das formas mais elementares de nos dividir: é a condição que mantém as mulheres dentro dos limites do papel feminino, é o termo ameaçador que nos impede de formar qualquer afeto, grupo ou associação primária entre nós mesmas.

Na sua maioria, as mulheres no movimento têm se esforçado muito para evitar discutir e confrontar o lesbianismo.

É uma pauta que as deixa nervosas. Ficam hostis, evasivas ou tentam incorporá-la dentro de uma “questão mais ampla.” Prefeririam não falar sobre ela e, quando precisam, tentam relevá-la como uma espécie de “ardil lavanda”⁴. Mas essa não é uma questão secundária. Lidar com ela é absolutamente essencial para o sucesso e a concretização do movimento de libertação das mulheres. Enquanto o rótulo de “sapatão” puder ser utilizado para intimidar as mulheres a adotarem uma postura menos militante, para separá-las de suas irmãs, para impedi-las de priorizar qualquer coisa que não seja os homens e a família – então, nessa medida, elas serão controladas pela cultura masculina. Até que as mulheres possam ver nelas mesmas a possibilidade de um compromisso primordial que inclui o amor sexual, estarão negando a si mesmas o amor e o valor que tão prontamente concedem aos homens, afirmando assim a classe secundária de sua natureza. Enquanto a aceitação masculina for a prioridade – tanto para mulheres individuais quanto para o movimento como um todo – o termo lésbica será usado exitosamente contra as mulheres. Enquanto

4 Nota de esclarecimento: o termo é a tradução de lavender herring, que é uma expressão que faz referência aos termos red herring e lavender menace. A expressão lavender menace foi utilizada em 1969 por Betty Friedan, então presidente da National Organization for Women (NOW), para descrever a ameaça que ela supunha que as associações com o feminismo lésbico ou radical representavam para a NOW e para o movimento de mulheres dentro da organização. Ela e outras feministas heterossexuais temiam que a ligação prejudicasse as feministas de alcançar mudanças políticas e que o estereótipo de lésbica poderia causar repulsa ao movimento feminista. A declaração de Betty Friedan levou Rita Mae Brown a sair do NOW. Ela com as companheiras do grupo Radicalesbians realizaram a leitura e distribuição do Manifesto The Woman-Identified Woman durante o II Congresso para Unir as Mulheres em protesto as declarações de Friedan. O termo lavender menace foi reapropriado pelas feministas lésbicas de forma positiva.

as mulheres almejem apenas mais privilégios dentro do sistema, não desejam antagonizar o poder masculino. Em vez disso, buscarão a aceitação do movimento, e o aspecto mais crucial dessa aceitação é a negação do lesbianismo – isto é, a negação de qualquer mudança fundamental na base do que é ser mulher. Também é necessário dizer que algumas mulheres mais jovens e radicais têm começado a discutir o lesbianismo com honestidade, mas, até o momento, pensando-o sobretudo como uma “alternativa” sexual aos homens. Deve-se notar, no entanto, que essa abordagem ainda prioriza os homens, tanto porque a ideia de uma relação mais completa entre mulheres ocorre apenas como resposta negativa a eles, quanto porque caracteriza a relação lésbica em termos exclusivamente sexuais, o que é separatista e sexista. Em um nível, que é ao mesmo tempo político e pessoal, as mulheres podem desviar dos homens suas energias emocionais e sexuais, e trabalhar várias alternativas para essas energias em suas vidas. Em um nível diferente, que é político e psicológico, deve-se compreender que o crucial é que as mulheres comecem a se dissociar de padrões de resposta definidos por parâmetros masculinos. Na privacidade de nossas próprias psiques, precisamos cortar essas amarras pela raiz. Isso porque, independente de para onde fluem nossas energias sexuais e amorosas, se nos identificamos, em nossas próprias mentes, a partir de uma concepção masculina, então não podemos concretizar nossa autonomia como seres humanos.

Mas por que as mulheres têm se identificado com os homens e através dos homens? Por termos sido criadas em uma sociedade masculina, internalizamos a definição de nós mesmas pautada pela cultura masculina. Essa definição

nos consigna a funções sexuais e familiares, e nos impede de definir e moldar os termos de nossas vidas. Como pagamento por nossos serviços psíquicos, e por cumprirmos as funções não lucrativas da sociedade, os homens nos concedem apenas uma recompensa: o status de escrava que nos legitima aos olhos da sociedade em que vivemos. A isso chamam “feminilidade” ou “ser uma mulher de verdade”, no vocabulário de nossa cultura. Somos autênticas, legítimas, reais apenas enquanto propriedade de algum homem cujo nome carregamos. Ser uma mulher que não pertence a nenhum homem é ser invisível, patética, inautêntica, irreal. Eles confirmam a imagem que têm de nós – ou seja, daquilo que temos de ser para que recebamos sua aceitação – mas não quem somos realmente; confirmam nossa condição de mulher – tal qual eles a definem, em relação a si próprios – mas são incapazes de confirmar nossa condição de pessoa, o caráter absoluto de nosso próprio ser. Enquanto dependermos da cultura masculina para essa definição, para essa aprovação, não poderemos ser livres.

Como consequência da internalização desse papel, mantemos uma reserva profunda de ódio autodirecionado. O que, no entanto, não implica que esse auto-ódio será reconhecido ou aceito como tal; de fato, a maioria das mulheres o negaria. É possível que algumas o vivenciem como um desconforto em cumprir seu papel feminino, como um sentimento de vazio, de torpor, de inquietação, como uma ansiedade profundamente paralisante. Alternativamente, é possível que algumas o expressem através de uma retórica estridente que enaltece as glórias e o destino desse papel. Mas o ódio existe, frequentemente sob os limites da consciência da

mulher, envenenando-a a existência, mantendo-a alienada de si mesma e de suas próprias necessidades, tornando-a uma estranha para suas irmãs. Ela tenta escapar se identificando com o opressor – vivendo através dele, ganhando status e identidade de seu ego, de seu poder, de suas conquistas – e evitando se identificar com outros “recipientes vazios” tais quais ela mesma. Mulheres evitam se relacionar, em todos os níveis, com outras mulheres que espelhem sua própria opressão, seu próprio status secundário, seu próprio auto-ódio. Porque confrontar outra mulher é sempre confrontar a si mesma – essa que a tanto custo evitamos. Nesse espelho, percebemos que não somos capazes de verdadeiramente respeitar e amar o ser que foi feito de nós.

Como a fonte do auto-ódio e a falta de um Eu genuíno estão enraizados na identidade que nos foi definida pelos homens, devemos criar uma nova autopercepção. Enquanto nos agarrarmos à ideia de “ser uma mulher,” conflituaremos com esse Eu incipiente, com a asserção de nossa própria completude. É muito difícil perceber e aceitar que ser “feminina” e ser uma pessoa completa são duas coisas irreconciliáveis. Apenas as mulheres podem dar a si mesmas uma nova autopercepção de seu ser. Essa é uma identidade que precisamos desenvolver tendo a nós mesmas como referência, e não em relação aos homens. Essa consciência é a força revolucionária da qual tudo o mais seguirá, pois a nossa é uma revolução orgânica. Por isso, precisamos estar disponíveis e dar apoio umas às outras, oferecer nosso comprometimento e nosso amor, prover o suporte emocional necessário ao sustento do movimento. Nossas energias precisam fluir em direção a nossas irmãs, e não para trás, na direção de nossos

opressores. Enquanto o movimento de libertação tentar emancipar as mulheres sem encarar a estrutura heterossexual elementar que nos mantém em uma relação direta e pessoal com nosso opressor, uma energia tremenda continuará sendo desperdiçada em consertar cada relacionamento particular com um homem, em melhorar o sexo com ele, em tentar mudar suas ideias – para transformá-lo em um “novo homem”, na ilusão de que isso nos permitirá ser a “nova mulher.” Isso, obviamente, divide nossas energias e comprometimentos, impedindo que nos dediquemos completamente à construção dos novos padrões que nos libertarão.

É a primazia de mulheres se identificando com mulheres, de mulheres criando, em conjunto, uma nova consciência de si mesmas, que está no cerne da libertação das mulheres e será a base para a revolução cultural. Juntas, precisamos encontrar, reforçar e validar nosso Eu autêntico. Conforme o fazemos, confirmamos umas nas outras esse senso de orgulho e força incipiente; as divisórias começam a desaparecer e sentimos crescer a solidariedade por nossas irmãs. Enxergamos a nós mesmas como primárias, encontramos nosso centro em nós mesmas. Percebemos recuar o senso de alienação, a sensação de isolamento, de estarmos trancadas atrás de uma janela fechada, de sermos incapazes de pôr para fora aquilo que sabemos estar dentro. Sentimos que somos reais; que, enfim, coincidimos com nós mesmas. Munidas desse Eu genuíno, dessa consciência, começamos uma revolução para acabar com a imposição de todas as identificações coercitivas e para alcançar a máxima autonomia da expressão humana.

The Woman Identified Woman⁵

Radicalesbians⁶ (1970)

What is a lesbian? A lesbian is the rage of all women condensed to the point of explosion. She is the woman who, often beginning at an extremely early age, acts in accordance with her inner compulsion to be a more complete and freer human being than her society – perhaps then, but certainly later – cares to allow her. These needs and actions, over a period of years, bring her into painful conflict with people, situations, the accepted ways of thinking, feeling and behaving, until she is in a state of continual war with everything around her, and usually with her self. She may not be fully conscious of the political implications of what for her began as personal

5 Notes from Patrícia Lessa – researcher and educator at the Universidade Estadual de Maringá (State University of Maringá) in the area of Feminist Epistemology.

6 Explanatory note: The group Radicalesbians, founded in 1969, was a pioneer in lesbian feminism or radical feminism. The group created the manifesto The Woman-Identified Woman to be recited as an act of protest during the Second Congress to Unite Women, held on May 1, 1970, in New York. Among the activists, we would like to highlight the names of Artemis March, Lois Hard, Rita Mae Brown, Ellen Shumsky, Cynthia Funk and Barbara XX. The group performed a dramatic reading of the manifesto during the congress, turning the lights off and occupying the stage and the microphone to denounce the exclusion of lesbian representatives from the event. As a result, the congress carried out in 1971 adopted a resolution recognizing lesbian rights as a “legitimate concern for feminism”. For further reading, we recommend the article: RUPP, Leila; TAYLOR, Verta. Women’s culture and lesbian feminist activism: a reconsideration of cultural feminism. In: Journal of Women in Cultural and Society. Chicago: The University of Chicago, v.19, n.1, p.32-61, 1993.

necessity, but on some level she has not been able to accept the limitations and oppression laid on her by the most basic role of her society—the female role. The turmoil she experiences tends to induce guilt proportional to the degree to which she feels she is not meeting social expectations, and/or eventually drive her to question and analyze what the rest of her society more or less accepts. She is forced to evolve her own life pattern, often living much of her life alone, learning usually much earlier than her “straight” (heterosexual) sisters about the essential aloneness of life (which the myth of marriage obscures) and about the reality of illusions. To the extent that she cannot expel the heavy socialization that goes with being female, she can never truly find peace with herself. For she is caught somewhere between accepting society’s view of her – in which case she cannot accept herself – and coming to understand what this sexist society has done to her and why it is functional and necessary for it to do so. Those of us who work that through find ourselves on the other side of a tortuous journey through a night that may have been decades long. The perspective gained from that journey, the liberation of self, the inner peace, the real love of self and of all women, is something to be shared with all women – because we are all women.

It should first be understood that lesbianism, like male homosexuality, is a category of behavior possible only in a sexist society characterized by rigid sex roles and dominated by male supremacy. Those sex roles dehumanize women by defining us as a supportive/serving caste in relation to the master caste of men, and emotionally cripple men by demanding that they be alienated from their own bodies

and emotions in order to perform their economic/political/military functions effectively. Homosexuality is a by-product of a particular way of setting up roles (or approved patterns of behavior) on the basis of sex; as such it is an inauthentic (not consonant with “reality”) category. In a society in which men do not oppress women, and sexual expression is allowed to follow feelings, the categories of homosexuality and heterosexuality would disappear.

But lesbianism is also different from male homosexuality, and serves a different function in the society. “Dyke” is a different kind of put-down from “faggot”, although both imply you are not playing your socially assigned sex role... are not therefore a “real woman” or a “real man.” The grudging admiration felt for the tomboy, and the queasiness felt around a sissy boy point to the same thing: the contempt in which women-or those who play a female role-are held. And the investment in keeping women in that contemptuous role is very great. Lesbian is a word, the label, the condition that holds women in line. When a woman hears this word tossed her way, she knows she is stepping out of line. She knows that she has crossed the terrible boundary of her sex role. She recoils, she protests, she reshapes her actions to gain approval. Lesbian is a label invented by the Man to throw at any woman who dares to be his equal, who dares to challenge his prerogatives (including that of all women as part of the exchange medium among men), who dares to assert the primacy of her own needs. To have the label applied to people active in women’s liberation is just the most recent instance of a long history; older women will recall that not so long ago, any woman who was successful, independent, not orienting

her whole life about a man, would hear this word. For in this sexist society, for a woman to be independent mean she can't be a woman – she must be a dyke. That in itself should tell us where women are at. It says as clearly as can be said: women and person are contradictory terms. For a lesbian is not considered a “real woman.” And yet, in popular thinking, there is really only one essential difference between a lesbian and other women: that of sexual orientation – which is to say, when you strip off all the packaging, you must finally realize that the essence of being a “woman” is to get fucked by men.

“Lesbian” is one of the sexual categories by which men have divided up humanity. While all women are dehumanized as sex objects, as the objects of men they are given certain compensations: identification with his power, his ego, his status, his protection (from other males), felling like a “real woman”, finding social acceptance by adhering to her role, etc. Should a woman confront herself by confronting another woman, there are fewer rationalizations, fewer buffers by which to avoid the stark horror of her dehumanized condition. Herein we find the overriding fear of many women towards being used as a sexual object by a woman, which not only will bring her no male-connected compensations, but also will reveal the void which is woman's real situation. This dehumanization is expressed when a straight woman learns that a sister is a lesbian; she begins to relate to her lesbian sister as her potential sex object, laying a surrogate male role on the lesbian. This reveals her heterosexual conditioning to make herself into an object when sex is potentially involved in a relationship, and it denies the lesbian her full humanity. For women, especially those in the movement, to perceive

their lesbian sisters through this male grid of role definitions is to accept this male cultural conditioning and to oppress their sisters much as they themselves have been oppressed by men. Are we going to continue the male classification system of defining all females in sexual relation to some other category of people? Affixing the label lesbian not only to a woman who aspires to be a person, but also to any situation of real love, real solidarity, real primacy among women, is a primary form of divisiveness among women: it is the condition which keeps women within the confines of the feminine role, and it is the debunking/scare term that keeps women from forming any primary attachments, groups, or associations among ourselves.

Women in the movement have in most cases gone to great lengths to avoid discussion and confrontation with the issue of lesbianism. It puts people up-tight. They are hostile, evasive, or try to incorporate it into some “broader issue.” They would rather not talk about it. If they have to, they try to dismiss it as a “lavender herring”⁷. But it is no side issue. It is absolutely essential to the success and fulfillment of the

7 Explanatory note: the term is a reference to the expressions “red herring” and “lavender menace”. The expression “lavender menace” was employed in 1969 by Betty Friedan, then president of the National Organization for Women (NOW), to describe the threat which she presumed the association with lesbian feminism or radical feminism would represent to NOW and to the women’s movement in the organization. Friedan and other heterosexual feminists were afraid that the connection would keep feminists from achieving political change, and that the lesbian stereotype would repel others from the feminist movement. Betty Friedan’s declaration caused Rita Mae Brown to leave NOW. Along with her companions from the group Radicalesbians, she organized the reading and distribution of the manifesto *The Woman-Identified Woman* during the Second Congress to Unite Women as an act of protest against Friedan’s declarations. The term “lavender menace” was reappropriated by lesbian feminists in a positive way.

women's liberation movement that this issue be dealt with. As long as the label "dyke" can be used to frighten women into a less militant stand, keep her separate from her sisters, keep her from giving primacy to anything other than men and family-then to that extent she is controlled by the male culture. Until women see in each other the possibility of a primal commitment which includes sexual love, they will be denying themselves the love and value they readily accord to men, thus affirming their second-class status. As long as male acceptability is primary-both to individual women and to the movement as a whole-the term lesbian will be used effectively against women. Insofar as women want only more privileges within the system, they do not want to antagonize male power. They instead seek acceptability for women's liberation, and the most crucial aspect of the acceptability is to deny lesbianism – i.e., to deny any fundamental challenge to the basis of the female. It should also be said that some younger, more radical women have honestly begun to discuss lesbianism, but so far it has been primarily as a sexual "alternative" to men. This, however, is still giving primacy to men, both because the idea of relating more completely to women occurs as a negative reaction to men, and because the lesbian relationship is being characterized simply by sex, which is divisive and sexist. On one level, which is both personal and political, women may withdraw emotional and sexual energies from men, and work out various alternatives for those energies in their own lives. On a different political/psychological level, it must be understood that what is crucial is that women begin disengaging from male-defined response patterns. In the privacy of our own psyches, we must cut

those cords to the core. For irrespective of where our love and sexual energies flow, if we are male-identified in our heads, we cannot realize our autonomy as human beings.

But why is it that women have related to and through men? By virtue of having been brought up in a male society, we have internalized the male culture's definition of ourselves. That definition consigns us to sexual and family functions, and excludes us from defining and shaping the terms of our lives. In exchange for our psychic servicing and for performing society's non-profit-making functions, the man confers on us just one thing: the slave status which makes us legitimate in the eyes of the society in which we live. This is called "femininity" or "being a real woman" in our cultural lingo. We are authentic, legitimate, real to the extent that we are the property of some man whose name we bear. To be a woman who belongs to no man is to be invisible, pathetic, inauthentic, unreal. He confirms his image of us – of what we have to be in order to be acceptable by him – but not our real selves; he confirms our womanhood-as he defines it, in relation to him – but cannot confirm our personhood, our own selves as absolutes. As long as we are dependent on the male culture for this definition, for this approval, we cannot be free.

The consequence of internalizing this role is an enormous reservoir of self-hate. This is not to say the self-hate is recognized or accepted as such; indeed most women would deny it. It may be experienced as discomfort with her role, as feeling empty, as numbness, as restlessness, as a paralyzing anxiety at the center. Alternatively, it may be expressed in shrill defensiveness of the glory and destiny of her role. But it does

exist, often beneath the edge of her consciousness, poisoning her existence, keeping her alienated from herself, her own needs, and rendering her a stranger to other women. They try to escape by identifying with the oppressor, living through him, gaining status and identity from his ego, his power, his accomplishments. And by not identifying with other “empty vessels” like themselves. Women resist relating on all levels to other women who will reflect their own oppression, their own secondary status, their own self-hate. For to confront another woman is finally to confront one’s self-the self we have gone to such lengths to avoid. And in that mirror we know we cannot really respect and love that which we have been made to be.

As the source of self-hate and the lack of real self are rooted in our male-given identity, we must create a new sense of self. As long as we cling to the idea of “being a woman”, we will sense some conflict with that incipient self, that sense of I, that sense of a whole person. It is very difficult to realize and accept that being “feminine” and being a whole person are irreconcilable. Only women can give to each other a new sense of self. That identity we have to develop with reference to ourselves, and not in relation to men. This consciousness is the revolutionary force from which all else will follow, for ours is an organic revolution. For this we must be available and supportive to one another, give our commitment and our love, give the emotional support necessary to sustain this movement. Our energies must flow toward our sisters, not backward toward our oppressors. As long as woman’s liberation tries to free women without facing the basic heterosexual structure that binds us in one-to-one relationship

with our oppressors, tremendous energies will continue to flow into trying to straighten up each particular relationship with a man, into finding how to get better sex, how to turn his head around-into trying to make the “new man” out of him, in the delusion that this will allow us to be the “new woman.” This obviously splits our energies and commitments, leaving us unable to be committed to the construction of the new patterns which will liberate us.

It is the primacy of women relating to women, of women creating a new consciousness of and with each other, which is at the heart of women’s liberation, and the basis for the cultural revolution. Together we must find, reinforce, and validate our authentic selves. As we do this, we confirm in each other that struggling, incipient sense of pride and strength, the divisive barriers begin to melt, we feel this growing solidarity with our sisters. We see ourselves as prime, find our centers inside of ourselves. We find receding the sense of alienation, of being cut off, of being behind a locked window, of being unable to get out what we know is inside. We feel a real-ness, feel at last we are coinciding with ourselves. With that real self, with that consciousness, we begin a revolution to end the imposition of all coercive identifications, and to achieve maximum autonomy in human expression.



Conheça o projeto editorial feminista da Editora Luas e seu catálogo composto de livros escritos exclusivamente por mulheres:

www.editoraluas.com.br

Idealização/Edição: Cecília Castro

Tradução para o português: Natália Corbello

Projeto gráfico: Letícia Santana Gomes

Diagramação: Daniella Fernandes

Siga-nos nas redes sociais para acompanhar nossas publicações:



@editoraluas



Facebook/editoraluas



Editora Luas